

Design demiúrgico: imaginação, política e projetos de mundo

Erick Felinto (UERJ, Brasil)
erickfelinto@gmail.com

Fiquei grato com o convite para participar do Seminário Designs por Vir. Estudei cerca de um ano e meio na ESDI, e foi uma experiência muito boa. Não prossegui no campo do Design, mas a maior parte da minha história na Comunicação está relacionada ao estudo da imagem, do cinema e do design. Sob a perspectiva da teoria da imagem entremeada de discussões sobre certos aspectos da nossa cultura contemporânea, apresentarei dois tópicos, vitais para intervir ativamente nessa cultura: a cultura digital — ou o universo da internet — e o imaginário.

Há alguns pontos de contato entre a fala de Luiz Rufino, muito interessante, e o que tenho planejado para hoje. Uma das temáticas que sempre me interessou diz respeito à vida dos objetos. De certo modo, o que pretendo apresentar também passa por essa ideia de vida das coisas, isto é, o que denominamos como inanimado precisa ser revisto.

Chamo atenção para o título deste evento, que sinaliza para uma política de mundos possíveis. Há uma importante questão que se coloca para nós hoje, já discutida por Benjamin e por outros autores, sobre a importância da imagem do imaginário da política. Impõe-se, então, o desafio de pensar em outros mundos possíveis, considerando que se vivencia uma crise da imaginação, dificultando o estabelecimento de alternativas ao sistema vigente.

Além do referencial teórico, trago alguns casos concretos e situações que evidenciam o que tenho chamado de construções de mundos pela via do imaginário. Nossa sociedade é extremamente midiática, então, a comunicação é um tema que me interessa profundamente. Impossível refletir sobre o mundo contemporâneo sem considerar essas interfaces que ele tem com o plano da comunicação e da mídia uma vez que vivemos em uma civilização profundamente imagética, moldada pelas imagens.

Apesar de, como mencionei, não atuar no campo do Design e de não ser propriamente um autor do Design, inicio com uma reflexão de Arturo Escobar, um pensador que trabalha com saberes indígenas, em um campo próximo às questões que o Viveiros de Castro explora. A obra *Designs for the Pluriverse* menciona exatamente o que estamos discutindo aqui hoje: a ideia dos designs para o universo. No começo do livro, há uma indagação sobre uma possível reorientação do Design. Seria plausível uma desvinculação desse campo em relação ao mercado? Pode-se recorrer ao Design para pensar outros territórios, para propor outras visões de mundo e para sugerir outras possibilidades de construção de realidades possíveis? Há nessas reflexões um conceito importante de futuridade. Uma das características da pós-modernidade, segundo vários autores, é a perda da possibilidade

de pensar futuro, que parece ter implodido. Por isso, se faz extremamente difícil imaginar futuros possíveis.

Ao lado do problema levantado por Arturo Escobar convém mencionara inquietação de uma pesquisadora feminista da área de política e imagem, Chiara Bottici. A pensadora tem se dedicado a investigar a relação entre política e imaginário, defendendo que a atuação política por meio das imagens é forte a ponto de, se não fizermos política, as imagens farão isso por elas mesmas. A autora desenvolve, assim, uma teoria da política imaginal, relevante para quem estuda política e comunicação ter consciência do papel do imaginário na construção de mundos e realidades políticas.

Durante muito tempo, o campo político não prestou atenção à dimensão dos afetos, das emoções, das imagens. Na maior parte das vezes, a política esteve ligada à esfera da decisão racional, influenciada compreensão moderna que dissemina a ideia de autonomia do sujeito, capaz de decidir racionalmente sobre tudo, uma reação a um mundo religioso pré-moderno. Atualmente, pelo contrário, a esfera da política está associada a um imaginário selvagem, cada vez mais contaminado por imagens, travando por meio delas uma batalha na qual forças evidentemente retroativas e reacionárias colocam-se em conflito constante com imagens possíveis de um futuro progressista.

Mark Fischer faz alusão a essa “perda do futuro”, recorrendo à seguinte questão: como lidar com a ideia de futuro em uma época em que os futuros parecem ter sido cancelados? Ampara-se em Derrida (1993) e seu conceito de *hantologie*, que consiste em um jogo de palavras entre a ontologia e a assombrologia. Atualmente, a sociedade vive assombrada não só pelo passado, mas pelo futuro. Geralmente, os fantasmas remetem ao passado, ao que já aconteceu, além de sinalizarem para o que fora sufocado pela História, como propõe Walter Benjamin acerca da história dos vencidos, a que nunca é contada.

Nos dias atuais, no entanto, vive-se assombrado também pelas imagens dos futuros que não se realizaram. Essa talvez seja a grande tristeza política ou contemporânea, todas as utopias da modernidade e, principalmente, o pensamento de esquerda, que não se realizaram. O conceito de Fisher (2009) sobre *hauntology* é muito apropriado porque ele toca exatamente no mundo atual das imagens eletrônicas. Embora não mencione explicitamente o campo da cultura digital, das imagens virtuais, sinaliza que “*Hauntology* é a agência do virtual...”, ou seja, algo que não está presente fisicamente, mas influencia a história, influencia nossa vida, “... é um espectro entendido como nada de sobrenatural, mas sim como aquilo que age sem que fisicamente exista” (Fisher, 2009, p. 24.). Em “O lento cancelamento do futuro”,

traça arqueologicamente esse processo histórico no qual, a partir dos anos 1980 até agora, a ideia de futuro foi sendo progressivamente cancelada, inclusive na ficção científica, que costumava ser um grande campo da imaginação do futuro.

A ficção científica deixa de imaginar futuros possíveis e retorna ao passado, reproduzindo, esteticamente, por exemplo, a Idade Média. Isso ocorre em obras como *Duna* e em outros trabalhos que obrigam-se a revisitar o antigo, então, esteticamente ou em termos de visão de mundo, um passado já vivido. “De modo que somos assim cada vez mais assombrados, não só pelos passados, mas pelos futuros não realizados, pela melancolia” (Fisher, 2009, p. 26).

Sou afeito à ideia de melancolia e me considero um melancólico otimista, pois é importante dosar uma percepção da realidade sombria, particularmente do ponto de vista político, com a ideia de que sempre é possível fazer algo em relação a isso. Mark Fisher, um pensador pessimista, escreveu essa obra intitulada “Realismo Capitalista” em que argumenta estarmos experimentando uma situação em que não existe um fora ou uma alternativa ao capitalismo. É quase impossível pensar em algo afastado dos princípios do capitalismo. Ainda assim, o livro indica algumas possibilidades de imaginar outros mundos.

Esses autores todos conversam entre si, ainda que não diretamente. Hoje, no campo progressista, a sensação é a de que vários pensadores políticos trabalharam recentemente a partir de uma melancolia da esquerda. Isso está na obra de Enzo Traverso, que trata exatamente da sensação de frustração em relação a esses futuros todos que não se realizaram, em relação a todas as utopias de uma sociedade mais igual, comum, que não foram concretizados. Traverso (2016, p.7) menciona que “Não há mais horizonte de esfera visível”. De igual modo, Fisher sinaliza a impossibilidade de um futuro que consigamos divisar, “A utopia parece ter se tornado uma categoria do passado...”. Parecendo ter se tornado arcaica, a utopia alude à uma atmosfera de nostalgia: “A utopia parece ter se tornado uma categoria do passado, o futuro imaginado em tempo já prescrito, pois ela desertou o presente, a história parece como uma herança de sofrimento com feridas sempre abertas” (Fisher, 2009, p. 26).

Na verdade, a tristeza da esquerda resulta da incapacidade do pensamento progressista de imaginar o que, por exemplo, Cornelius Castoriadis e Chiara Bottici, chamam de imaginação radical, isto é, a possibilidade de pensar alternativas e colocar visões de mundos que escapem a esse renunciado campo das possibilidades utópicas. As ideologias morreram. Os “nossos heróis

morreram de overdose” e há uma incompreensão sobre o que fazer. O futuro parece totalmente fechado.

Sem pretender parecer pessimista, faz-se importante demonstrar, realisticamente, que o pensamento reacionário foi muito mais estratégico no sentido de dar importância à força não material da imaginação. A direita se apropriou disso além de ter se apropriado dos meios que a esquerda considerava como espaço exclusivo daqueles que defendem um pensamento futurista e progressista, os meios digitais. É um paradoxo porque o pensamento conservador defende a ideia de uma História em que o tempo não corre, em que é possível retornar a um passado ideal — inexistente, claro, mas sempre um passado ideal. Foram justamente esses que, nos últimos anos, estrategicamente se apropriaram desse território, construindo, então, um imaginário que tem uma consistência e que se tornou ordinário para uma grande parcela da população mundial.

Importa mencionar aqui uma noção capaz de iluminar o funcionamento da cultura digital hoje. A ideia de “influência à distância”, que nasce na sociologia de Gabriel Tarde, nem sempre tem explicação muito clara. Ela se propaga na sociedade de maneira misteriosa. Por exemplo, sobre a memética, as ideias circulam nos meios de comunicação e essas ideias se transformam, então, em um padrão dominante, de uma forma que realmente se assemelha, às vezes, à magia. Considerando a história política recente, há semelhanças entre o que ocorreu nos Estados Unidos e no Brasil. Nas eleições presidenciais e durante o governo, Trump e Bolsonaro adotaram estratégias políticas similares. Richard Spencer, que é um supremacista branco, uma figura importante no campo da chamada direita alternativa, “*alt-right*”, diz que “nós desejamos, Donald Trump, para a presidência (apud Lachman, 2018, p. xii). Nós fizemos desse sonho nossa realidade”, lançando mão do poder misterioso da imagem, da influência, do imaginário para, de fato, ajudar Trump a se tornar presidente dos Estados Unidos, [como se observa na figura 1].

Gary Lachman, uma figura peculiar, estudioso do esoterismo, da Nova Era, escreveu uma obra muito interessante na qual investiga as origens desse imaginário de uma disputa política, considerada por muitos uma luta de bem contra o mal. Evidentemente, no imaginário conservador a luta empreendida é contra o mal supremo, contra o velho fantasma do comunismo. Então, Lachman (2018, p. x) diz que “em tempos recentes, parece que o oculto entrou novamente na política” e tudo indica a direita que convocou esse fantasma. São dois fantasmas, na verdade: o ocultismo, em época hipertecnológica, e o fantasma dos futuros possíveis não realizados. Nesse caso, futuros que aparentam ser eminentemente sombrios.

Exemplar desse curioso contexto de conjugação entre o antigo e o novo, a política e o esoterismo seria a mitologia do “sapo kek”. O sapo Kek nasce a partir de um cartum do desenhista Matt Furie e dos quadrinhos que primeiro aparecem na internet, o Boys Club, em que ele cria um personagem, o sapo Pepe ou “Pepe the Frog”, que, a princípio, é uma figura libertária, irônica, que traduz valores que, eu diria, se inclinam mais a um campo progressista do que aos conservadores. Bem anti-sistema. Ele é muito interessante, porque, na verdade, a ideia de anti-sistema, que era algo que o campo progressista trazia como patrimônio, também foi apropriada pela direita. Então, a direita radical hoje é a direita que defende o pensamento anti-sistemático. O que aconteceu? O personagem de Matt Furie, de repente, foi capturado naqueles meios considerados, inicialmente, favoráveis ao pensamento progressista, como, por exemplo, o site de *image boards*, como o 4chan, e ele foi se convertendo lentamente em uma figura que virou um ícone da direita supremacista branca nos Estados Unidos e do próprio Trump. Então, há imagens de Trump associado com o Kek.

O documentário *Feels Good Man* (2020) retrata o cartunista tentando trazer de volta para o campo progressista a figura do Pepe, que foi totalmente capturado nessas imagens e virou meme. Pode-se dizer que esse é um dos memes mais poderosos da internet hoje. Então, existem mil versões em que a figura do sapo aparece ligada a ideias de direita, a racistas, à suástica, ao nazismo. Tem essa série de imagens e associações que se tornaram extremamente poderosas e, em certo sentido, ajudaram em uma espécie de batalha simbólica, uma batalha memética.

Algumas pessoas desse meio — os moradores da internet, digamos assim, os que ocupam esses espaços — consideram como magia memética uma espécie de guerra para promover suas ideias. Então, essa guerra memética, na verdade, traduz em ideia, em meme, aquilo que é a essência do pensamento conservador, especialmente dessa vertente chamada *alt-right*. O que não quer dizer que ela não esteja presente no Brasil. Pelo contrário, analisando a fundo como a política reacionária tem se manifestado hoje, observa-se várias vertentes, várias ideias, vários princípios da *alt-right* fazendo parte dessa conjuntura, além do bolsonarismo.

A frase do SPL Center (Southern Poverty Law Center) define muito bem o que é a imagem do Kek: “a apoteose da realidade da *alt-right*, ao mesmo tempo juvenil, transgressiva e racista, assim como refletindo um propósito intelectual mais profundo, significando um apelo a jovens ideólogos que se imaginam como pensadores profundos. Ela existe naquela área nebulosa que frequentemente ocupam entre sátira, ironia e ideologia séria. Kek pode ser tanto uma grande piada com os liberais...”, aqueles que, nesse campo

da internet, no 4chan, eles chamam de *normies* ou normais “...assim como uma reflexão da própria imagem da *alt-right* enquanto a gente sede de caos na sociedade moderna”.

Há um projeto político cujo objetivo é destruir esse sistema que existe hoje, que eles consideram que seja, evidentemente, o domínio do pensamento liberal nos meios culturais — isso que o Olavo de Carvalho e outros chamam de guerra cultural — e, a partir de então, emergir um novo modelo completamente diferente de governo. Para alguns, por exemplo, governo deve ser tratado como uma corporação. Essa, é claro, é uma imagem possível de futuro. Steve Jobs como presidente de uma nação e cada país teria o seu administrador. As pessoas poderiam escolher, como no mercado, qual a Constituição que mais lhes interessasse enquanto cidadãos. Seria a livre escolha em termos de Constituição política.

Um fenômeno comum atualmente é a distribuição de manuais, os manuais de magia memética. Acho isso tão engraçado. Tem a oração de Keksu, com uma série de termos que só os iniciados entendem. Os iniciados são as pessoas que habitam essas plataformas digitais, como o 4chan. A oração diz assim:

nosso Kek que está na memética;
santo sejam os teus memes;
que venha o seu Trumpdom[seu reino do Trump];
sua vontade seja feita na vida real;
assim como no /pol/ [pol é aquela parte do 4chan onde se discute o tema de política, onde são colocadas as imagens de política];
dê-nos os nossos duds diários [duds são conquistas, vitórias que os indivíduos têm no mundo dos games ou na internet, nas postagens que eles fazem];
e nos perdoe o nosso baiting [bait, essa expressão, clickbait, quando se clica em um link com o objetivo de enganar usuários, apenas para conseguir público];
e nos livrem, nos conduza para longe da cuckoldry [cuckoldry é uma ideia muito comum na direita contemporânea, associa sexualidade, temas sexuais, com problemas de ordem política. Então, não é à toa, por exemplo, que Olavo de Carvalho gostava o tempo todo de falar de cu, tinha a questão homossexual, para eles era um tema fundamental porque nesse imaginário conservador, a ideia, por exemplo, da invasão de uma nação, de fronteiras, por imigrantes, pela diferença, outra cultura, significa a penetração daquilo que vai destruir a cultura identitária nacional. Então, cuckold por exemplo, que é esse termo que eles usam para uma pessoa que gosta de ver a sua esposa se relacionar com outro homem, eles aplicam aos políticos que são muito liberais no campo da imigração. Vocês

veem que tem uma relação psicanalítica entre essa dimensão sexual, a política e a ideia do medo da diferença. Esse é um dos temas centrais do pensamento reacionário hoje, o medo da diferença];
e livre-nos do shills[shills é mais ou menos pessoas que enganam, que dizem que vão fazer uma coisa e fazem outra, ou seja, infiltrados, por exemplo, progressistas no campo reacionário];
Pois teu é o reino memético e o *shitposting*[notar apropriação daqueles instrumentos que normalmente estavam associados com o pensamento libertário. Desde a Idade Média, em que o humor, o bobo da corte era usado para fazer crítica política, Agora, a ferramenta da ironia, essa ideia de uma juventude revolucionária, está ligada a certas vertentes da direita contemporânea];
E a vitória para sempre, para sempre, louvado seja Kek.

Recentemente, tenho me interessado pela figura do Olavo de Carvalho porque ele foi um grande modelador do imaginário conservador no Brasil. Teve forte influência no governo Bolsonaro, porém, mais do que isso, ao longo de muitos anos construiu um personagem, usando as plataformas digitais. Isso em uma época em que poucos utilizavam desses meios. São exemplos o curso de filosofia *online*, o *blog* que mantinha, sua atuação em várias plataformas. Foi assim que Olavo de Carvalho construiu a sua imagem de guru do pensamento conservador. Sempre de forma extremamente inteligente, percebendo exatamente o poder que a imaginação tem na constituição de universos políticos.

Um de seus livros, *A Nova Era e a Revolução Cultural*, Carvalho consegue reunir o físico Fritjof Capra, o pensador italiano Gramsci, além de outros. Com a ascensão do PT, sua crítica consiste em afirmar que esquerda foi estratégica ao assimilar o ensinamento de Gramsci. Se antes operava-se no nível da economia, no nível material, agora é preciso trabalhar o domínio da cultura para capturar a mentalidade popular. Então, supostamente, os liberais dominaram a mídia, a universidade, a ciência e, agora, a direita precisa recuperar terreno. Isso é o que eles estão fazendo no campo exatamente da guerra cultural, ou seja, dos valores simbólicos e das imagens, da apropriação das imagens.

Em uma entrevista, Olavo de Carvalho propõe: “Estão entendendo como é que faz guerra cultural? Não é com propaganda ideológica, não é com doutrinação, é com o trabalho da imaginação. O poder da imaginação sobre o ser humano é tal que a imaginação domina a vontade cem por cento. Você só pode querer aquilo que você imagina.” E, de fato, ele foi um exímio nesse campo.

Concluindo, o argumento que gostaria de destacar é o seguinte. O campo progressista perdeu muito terreno na batalha cultural no que se refere, principalmente, ao uso das novas mídias. Curiosamente, o avanço da direita suscita figuras reacionárias que ocuparam espaço na internet, que criaram canais no YouTube, por exemplo, ainda que, sem dúvida, muitos deles tenham sido fechados pelo Supremo Tribunal Federal ou por determinações judiciais.

O pode ser feito, então? Não há soluções muito claras em relação a como lidar com esse cenário, mas o papel de quem trabalha com imagem e com comunicação é fundamental, porque é nesse campo, de fato, que a batalha política nos próximos anos será travada, ao que tudo indica. Não tanto no campo da racionalidade, o que não significa que teremos que abdicar dela, evidentemente, mas no campo do imaginário, onde funcionam outros princípios um pouco diferentes daqueles que usamos na lógica do cotidiano.

Penso em algumas figuras que começaram a ter percepção do que está acontecendo no campo da cultura digital e responderam a esse avanço do pensamento conservador. Trouxe dois exemplos, sinalizando para oportunidade futura de compilar o relativo sucesso do pensamento progressista, que se utiliza dessas plataformas do Instagram, do YouTube, como formas de comunicação e de apropriação da imagem e dessa reversão, inclusive, de tomar o imaginário da direita, após entendê-lo.

Esse é um problema muito grave no campo da esquerda, não prestar atenção em como nasceu Bolsonaro enquanto fenômeno político. Enquanto figuras como Olavo de Carvalho e Bolsonaro eram ridicularizados, pouquíssimas pessoas se davam ao trabalho de tentar entender que tipo de imagem se construía ali. Por não termos levado a sério, os acontecimentos ocorreram diante de nós.

Então, um exemplo que gostaria de destacar é o de Laura Sabino. Ela usa a *shitposting*, que é a linguagem característica das plataformas virtuais, para falar de Henrique Ferreira, uma das faces jovens do movimento reacionário. É um gênero muito bastante popular no YouTube, o gênero *react*. Ela reage a vídeos desse de Henrique Ferreira. A construção imagética é evidente. Ela é bonita, jovem, tem um cenário que combina com esse contexto da cultura digital, associado com algo que deveria pertencer a uma juventude mais libertária.

O outro exemplo provavelmente vocês conhecem: o Design Ativista, que possui um canal no Instagram. O que eu gostaria de colocar em relevo na sua proposta, explicitada também em seu site, é a ideia da mobilização criativa. Engajar torna-se um objetivo mais importante do que produzir um movimento de recusa, como greve. Cria-se uma posição de enfrentamento ao

pensamento reacionário, mobilizando o designer a trabalhar, de uma maneira às vezes sutil, colocando no seu trabalho vetores simbólicos que apontem para esse universo mais progressista. Então, algo defendido por eles e que também considero apropriado consiste na “Ocupação de um espaço público pela disputa de versões sobre um fato político, etc., etc.

No campo dos designs, a mobilização criativa significa transformação do trabalho, da técnica do design em ativismo. O ativismo pode ser retornado ao domínio do trabalho em ciclos incontáveis de transformação, mas esse é um assunto para outro texto. Em outras palavras, defende-se a incorporação da ideia de ativismo à vida cotidiana, àqueles micro espaços que constituem a nossa existência enquanto cidadãos, enquanto trabalhadores. Assim, ao construir estrategicamente determinadas imagens, colabora-se sutil e constantemente para a propagação de um determinado imaginário.

Para responder à clássica pergunta sobre o que fazer, afinal, pensei em quatro ou cinco possibilidades. São proposições incipientes uma vez que essa é uma pesquisa nova para mim. Mesmo assim, ainda nesse estado inicial, tenho duas convicções. A primeira delas, não resta dúvidas sobre a potência do imaginário. Na UERJ, onde atuo, iniciamos o Laboratório de Estudos da Imagem e do Imaginário, exatamente para estudar como se configuram essas forças, qual a lógica do imaginário, da memética, enfim, os elementos envolvidos no contexto aqui apresentado. Além disso, não faço distinção entre imagem enquanto produto midiático ou produto estético e imaginário enquanto produção mental.

O que fazer? A primeira coisa, claro, é ter familiaridade com esses domínios da cultura digital, que são os espaços prioritários nos quais hoje se trava uma batalha simbólica, que é essa batalha, evidentemente, entre as forças reacionárias e um pensamento progressista. Além disso, deve-se buscar a compreensão do conceito e dos mecanismos do imaginário, ou seja, entender um outro tipo de lógica que não a lógica aristotélica clássica dos discursos racionais, que deixou de ter tanta eficácia quanto teve no passado.

A compreensão deve conduzir ao uso das lógicas memética e viral dos meios digitais. Há muitos pesquisadores estudando memes e a relação de memes com política. O meme, enquanto imagem ou uma condensação de imagem e texto, tem um poder que muitas vezes o texto ou o som não possuem, que é condensar num espaço mínimo uma carga simbólica gigantesca. Apresentei o caso do Sapo Kek como um exemplo de condensação radical de símbolos políticos em imagem capturada e, posteriormente, modificada.

Talvez esse seja um bom termo e um bom caminho: reprogramar para servir a outro objetivo ideológico. Refiro-me à apropriação e reversão dos conteúdos simbólicos do discurso do campo reacionário. Assim como o

campo reacionário se apropriou de determinados valores como, por exemplo, a ideia da revolução. Hoje vários estudos do campo da política investigam esse fenômeno. A direita se tornou revolucionária, nesse sentido, ao se apropriar do discurso da transformação, do radical, do antissistema. Então, proponho entender como funcionam essas imagens e, não apenas trazê-las de volta, mas capturar aquelas que constituem o campo conservador reacionário.

Como referenciar

FELINTO, Erick. Praticar, imaginar e representar outros mundos. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 34-45, jul./2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.83828>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Recebido em 25/04/2024 | Aceito em 20/05/2024